



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO  
CHAMADA PÚBLICA PROEX N° 01/2019  
36° FESTIVAL DE ARTES DE SÃO CRISTÓVÃO

ANA IZABEL NASCIMENTO SOUZA

“ORWELL FEAT. CRIOLO”: DIÁLOGOS SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL

SÃO CRISTÓVÃO

2019

ANA IZABEL NASCIMENTO SOUZA

“ORWELL FEAT. CRIOLO”: DIÁLOGOS SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL

Ensaio produzido para Roda de Conversa Literária  
como parte da Ocupação Artístico-Cultural no 36º  
Festival de Artes de São Cristóvão vinculada à  
Universidade Federal de Sergipe (UFS).

SÃO CRISTÓVÃO

2019

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>04</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>05</b>
<b>2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>06</b>
<b>2.2. Objetivos Específicos.....</b>	<b>06</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>06</b>
<b>4 ORWELL FEAT. CRIOLO.....</b>	<b>07</b>
<b>5.1 Das intersecções.....</b>	<b>08</b>
<b>5.2 Das condições sociais.....</b>	<b>08</b>
<b>5.3. Saúde e Bem Estar?.....</b>	<b>09</b>
<b>5.4. Sistema Penal.....</b>	<b>10</b>
<b>5 BINÔMIO EXCLUSÃO-INCLUSÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>4.1 Índices de desigualdade no Brasil.....</b>	<b>12</b>
<b>4.2 A estrutura social excludente .....</b>	<b>13</b>
<b>4.4 Reatando a linha fronteira.....</b>	<b>14</b>
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>16</b>

## RESUMO

### “ORWELL FEAT. CRIOLO”: DIÁLOGOS SOBRE A EXCLUSÃO SOCIAL

A Interarte, ou a relação de “artes” e diferentes áreas do conhecimento, como ferramenta de debate sobre exclusão social. Esta é a proposta para uma roda de conversa literária pautada na escrita crítica de George Orwell, em seu livro “Como morrem os pobres e outros ensaios” (1946), e na métrica paulistana de Criolo na canção “Boca de lobo” (2018). A partir da análise de conteúdo, pretende-se traçar os denominadores comuns entre a literatura do século XX e o rap do século XXI sobre a exclusão social. Visa-se expor elementos da literatura jornalística na escrita orwelliana e os aspectos linguísticos no gênero musical e movimento cultural que o Rap abrange e, por fim, demonstrar como a conjugação de diferentes expressões culturais enriquecem a percepção social e o capital cultural, especificamente na formação discente, aproximando a Academia da comunidade. A intersecção dos discursos ocorrerá, expositivamente, com trechos dos ensaios orwellianos e da música de Criolo seguido de debate com o público.

**Palavras-chave:** Exclusão social, literatura, rap.

## 1 INTRODUÇÃO

Música e Literatura - expressões artísticas consolidadas que a princípio encerravam em si mesmas - aqui se encontram a partir das perspectivas da intertextualidade ou dos estudos interartes fornecendo as bases para “transposições intersemióticas”. Isto significa que múltiplas formas de expressão dialogam entre si e favorecem novas interpretações do viver. O som e a palavra, de forma transdisciplinar, unem-se para conjecturar o social (CLÜVER, 1997).

A literatura orwelliana desenvolveu-se por um viés jornalístico, por mediar acontecimentos e narrativa histórica com uma percepção apurada e crítica das práticas sociais (RIBEIRO, 2016). Orwell encontrou na literatura o caminho para a crítica de sistemas opressivos e das condições de vida do homem do século XX (ESSENCIO, 2011). É possível encontrar elementos similares no Rap - sigla de “Rhythm and Poetry” – em relação à expressão da realidade de opressão em diversos contextos, como étnico-racial, econômico, gênero, entre outros. (LOUREIRO, 2016).

No Brasil, o rap desenvolve-se nos bailes Black dos anos 80 e nas apresentações em praças do centro de São Paulo. Essas apresentações atuavam como formas de resistência e de denúncia de realidade e já se caracterizam com padrões de métrica e rima com importante habilidade e precisão linguística (COLIMA; CABEZAS, 2017; LOUREIRO, 2017).

O cantor e compositor paulistano Criolo (nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes), que se insere na “nova escola” do rap nacional produzida a partir dos anos 2000, tem se destacado pela versatilidade de seus versos em mapear a realidade local e nacional (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2019). Essa precisão e capacidade de síntese estabeleceu, neste trabalho, uma importante complementaridade aos ensaios de Orwell e sua visão atemporal da exclusão.

Pautado na escrita crítica de George Orwell, em seu livro “Como morrem os pobres e outros ensaios” (1946), e na métrica paulistana de Criolo na canção “Boca de lobo” (2018), traçou-se um estudo qualitativo - através da análise de conteúdo - com o intuito de analisar similaridades dos discursos do escritor George Orwell e dos versos do cantor Criolo em relação à exclusão social, bem como demonstrar a conjugação de diferentes expressões culturais que enriquecem a percepção social e o capital cultural.

## 2 OBJETIVOS

## 2.1 Objetivo Geral

- Analisar similaridades dos discursos do escritor George Orwell e dos versos do cantor Criolo em relação à exclusão social.

## 2.2 Objetivos específicos

- Expor elementos da literatura jornalística na escrita orwelliana e os aspectos linguísticos no gênero musical e movimento cultural que o Rap abrange.
- Demonstrar a conjugação de diferentes expressões culturais que enriquecem a percepção social e o capital cultural.

## 3 METODOLOGIA

Estudo qualitativo através da análise de conteúdo contido nos escritos de George Orwell em seu livro “Como morrem os pobres e outros ensaios” (1946) e dos versos da música “Boca de Lobo” do rapper Criolo (2018). A análise divide-se entre perspectivas históricas e a organização categorial-temática de relações simbólicas das expressões culturais elencadas (SANTOS, 2012).

Por análise de conteúdo, compreende-se uma metodologia empírica sobre diferentes fontes de dados sobre um objeto comum. A abordagem qualitativa do método permite avaliar a presença “de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração.” (BARDIN, 2008, p. 23).

À comparação dos códigos semânticos entre literatura e música - produzidos em contextos subdesenvolvidos distintos – articularam-se as perspectivas políticas, estatísticas e sociais sobre o contexto da exclusão social. Trata-se da adoção de pontos de vista multiculturais visando, empiricamente, desenvolver uma crítica a um recorte histórico sem utilizar pressupostos, predominantemente, eurocêtricos e relacionando aos diversos campos do saber, a exemplo das Ciências Sociais, Medicina e Direito (MARTINS, 1997; SANTOS, 2012).

#### 4 ORWELL FEAT. CRIOLO

A literatura orwelliana desenvolveu-se por um viés jornalístico, por mediar acontecimentos e narrativa histórica com uma percepção apurada e crítica das práticas sociais (RIBEIRO, 2016).

Nascido na Índia colonial e pertencente à classe média baixa britânica, George Orwell – pseudônimo de Eric Arthur Blair (1903 – 1950) - obteve formação em escolas de elite, na Inglaterra, através de bolsas, mas com expressivo destaque. Foi aluno de Aldous Huxley – autor da famosa distopia “Admirável Mundo Novo”. Décadas seguintes, se estabeleceria ao lado de seu ex-professor como um dos escritores mais importantes da vertente de romances distópicos (RIBEIRO, 2016).

Atuou na Polícia Imperial Britânica na Birmânia (atual Mianmar) entre 1922 e 1927, obteve licença e “foi nessa época que, de forma meio voluntária, mergulhou nas profundezas da pobreza. (...) A experiência do afastamento de sua classe e o efeito que isso teve sobre ele definem a qualidade intelectual de Orwell e a obra em particular que viria a escrever.” (ORWELL, 2011, p.12).

Orwell encontrou na literatura o caminho para a crítica de sistemas opressivos e das condições de vida do homem do século XX (ESSENCIO, 2011). É possível encontrar elementos similares no Rap - sigla de “Rhythm and Poetry” – em relação à expressão da realidade de opressão em diversos contextos, como étnico-racial, econômico, gênero, entre outros. (LOUREIRO, 2016).

A origem do Rap se situa nos mestres de cerimônia jamaicanos dos anos 60 que “versavam sob o ritmo de batidas musicais” a situação desigual em que viviam (LOUREIRO, 2017). A geografia desse movimento adquire um maior contorno ao imigrar para os guetos norte-americanos e refletir a “desdiferenciação social” destes. No Brasil, o rap desenvolve-se nos bailes Black dos anos 80 e nas apresentações em praças do centro de São Paulo. Essas apresentações atuavam como formas de resistência e de denúncia de realidade e já se caracterizam com padrões de métrica e rima com importante habilidade e precisão linguística (COLIMA; CABEZAS, 2017; LOUREIRO, 2017).

O cantor e compositor paulistano Criolo (nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes), que se insere na “nova escola” do rap nacional produzida a partir dos anos 2000, tem se destacado pela versatilidade de seus versos em mapear a realidade local e nacional (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2019). Essa precisão e capacidade de síntese

estabeleceu, neste trabalho, uma importante complementaridade aos ensaios de Orwell e sua visão atemporal da exclusão.

As tabelas a seguir, demonstram a aproximação da prosa crítica de Orwell da primeira parte do livro “Como morrem os pobres e outros ensaios” (1946) com os versos de “Boca de Lobo” do cantor Criolo sobre as condições sociais da exclusão.

### 5.1. Das intersecções

O abismo coletivo que persiste diante de políticas austeras, preconceito a minorias e a internet como uma faca de dois gumes que acentua esse abismo, mas favorece a resistência.

**Tabela 1** - Intersecções, São Cristóvão/SE, 2019.

<b>ORWELL</b>	<b>CRIOLO</b>
<b>“Não gostava da autoridade e do modo como era usada, e se solidarizava com os birmaneses” (ORWELL, 2011)</b>	“Agora, entre meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu.” (Citação de Waly Salomão na canção)
<b>“Nossa noção de história está sendo destruída pela natureza de nossa história – nossa memória é curta e fica mais curta com a rapidez arrebatadora dos eventos.”</b>	“Num toque de tela, um mundo à sua mão e no porão da alma, uma escada pra solidão, via satélite, via satélite, 15% é Google, o resto é Deep Web.”

### 5.2. Das condições sociais

Falta de garantias trabalhistas, Economia versus Estado mínimo e a questão da “Farinata” e o “Soylent Green Brasileiro”. Uma breve referência ao filme de 1973 – sobre uso de comida sintética para distribuição em massa - e a associação com a proposta do então prefeito da cidade de São Paulo em distribuir composto granulado para estudantes e pessoas carentes com alimentos perto do vencimento, vinculado na mídia em 2017.



**Tabela 2 – Condições sociais, São Cristóvão/SE, 2019.**

<b>ORWELL</b>	<b>CRIOLO</b>
<p><b>“As leis sobre trabalho infantil são totalmente desobedecidas.”</b></p>	
<p><b>“Quando se começa a trabalhar, a fazenda dá uma cópia impressa das regras, criadas para reduzir o colhedor a mais ou menos um escravo.”</b></p>	<p>“A pauta dessa mesa "Coroné" manda anotar.”</p>
<p><b>“Uma observação feita por aqueles homens me espantou — eu a ouvi de quase todos os prisioneiros que seriam julgados por um delito grave. Era: ‘Não é a prisão que me preocupa, é perder meu emprego’. Creio que isso é sintomático do poder decrescente da lei em comparação com o do capitalista.”</b></p>	<p>“É que o diamante de Miami vem com sangue de Ruanda. Poder economicon, cocaine no helicopteron Salário de um professor microscopcon.”</p>
<p><b>“O pão feito especialmente para os vagabundos é terrível. É cinzento, sempre dormido e tem um gosto desagradável que faz a gente pensar que a farinha de que é feito vem de grãos estragados (p. 21).”</b></p>	
<p><b>“Jogar comida fora parecia ser uma política deliberada, em vez de dá-la aos vagabundos.”</b></p>	<p>“(…) A nós razão humana.”</p>

### 5.3. Saúde e Bem Estar?

A discrepância da saúde pública: “SUS”, pra que te quero? Ou de uma política de enfraquecimento permanente do direito à Saúde. Um país adoecido e adoecedor que precariza o trabalho (vide as formas de escravismo que coexistem no Brasil – do extrativismo, trabalho infantil, tráfico humano aos entregadores de “apps” e “facções têxteis” no sudeste e nordeste).

Das asfixias orçamentárias nos gastos públicos; o uso predatório de recursos ambientais; o cerceamento do pensamento científico e das expressões artístico-culturais, todos estes componentes de déficit social culminam em uma apática existência que terapêutica alguma é capaz de solucionar (ROCHA, 2019).

**Tabela 3** - Saúde e Bem estar, São Cristóvão/SE, 2019.

<b>ORWELL</b>	<b>CRIOLO</b>
<p><b>“As autoridades não se importam se estão bem ou mal de saúde, desde que não sofram de uma moléstia infecciosa.”</b></p>	
<p><b>“Nas enfermarias públicas de um hospital veem-se horrores que a gente parece não encontrar entre as pessoas que conseguem morrer em casa, como se certas doenças só atacassem pessoas dos estratos de renda mais baixos.”</b></p>	<p>“Plano de saúde de pobre, fii, é não ficar doente.”</p>
<p><b>“É provável que o medo de hospitais ainda persista entre os muito pobres.”</b></p>	<p>“É que a indústria da desgraça pro governo é um bom negócio. Vende mais remédio, vende mais consórcio.”</p>
<p><b>“Mas os pacientes, quase todos trabalhadores, eram surpreendentemente resignados.”</b></p>	

O contexto de Orwell evidencia o confinamento do vagabundo – figura nativa inglesa desempregada que perambula por “albergues públicos” para alimentar-se e dormir. No Brasil, o “vagabundo”, tem traços físicos bem delimitados e é coagido a permanecer em “albergues” superlotados.

**Tabela 4** – Comparativos penais, São Cristóvão/SE, 2019.

ORWELL	CRIOLO
<p><b>“Passei a pensar que o tédio é o pior de todos os males de um vagabundo, pior do que a fome e o desconforto, pior ainda do que o sentimento constante de ser socialmente desfavorecido. É uma crueldade estúpida confinar um homem ignorante o dia inteiro sem nada para fazer; é como prender um cão num barril. Só um homem instruído, que encontra consolo dentro de si mesmo, pode suportar o confinamento.”</b></p>	<p>“Aonde a pele preta possa incomodar, um litro de Pinho Sol pra um preto rodar. Pegar tuberculose na cadeia faz chorar. Aqui a lei dá exemplo mais um preto pra matar.”</p> <p>“Nem Pablo Escobar, nem Pablo Neruda. Já faz tempo que São Paulo borda a morte na minha nuca.”</p>
<p><b>“O caso de gente morrendo como animais, por exemplo, sem ninguém ao lado, ninguém interessado, a morte nem mesmo notada até de manhã, aconteceu mais de uma vez (p.55).”</b></p> <p><b>“Como morrem os pobres.”</b></p>	<p>“Olhe, essa é a máquina de matar pobre!”</p> <p>“No Brasil, quem tem opinião, morre!”</p>

#### 4.1 Índices de desigualdade no Brasil

O relatório de desenvolvimento humano da Organização das Nações Unidas (ONU) aponta que, em 2017, o país configurava a 79ª posição entre 189 países avaliados no índice de desenvolvimento. Entretanto, o coeficiente de Gini (0,51) aponta que o Brasil com uma das nações mais desiguais economicamente (United Nations Development Programme, 2019). A má distribuição de renda é alarmante; cerca de 1% da população detém 30% dos recursos, colocando o país no 9º lugar de países mais desiguais do mundo (ALVES, 2018).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) - no Atlas da Violência (2018) - descreve que há “uma clara correlação entre as condições educacionais, de oportunidades laborais e de vulnerabilidade econômica e a prevalência de mortes violentas”. Nesse estudo, também se destaca a taxa de homicídios e mortes violentas por causa indeterminadas por municípios e o caminhos para uma política de segurança efetiva.

Os municípios sergipanos que apresentaram elevadas taxas de violência foram Aracaju (76,5), Nossa Senhora do Socorro (86,3), São Cristóvão (118) e Itabaiana (118,5); estes compõem o quadro de 123 municípios brasileiros responsáveis por 50% das mortes violentas no país (IPEA, 2018).

Em relação à violência estrutural no desenvolvimento educacional dos jovens, a Fundação Getúlio Vargas (2017) aponta que jovens em idade escolar residentes em áreas onde, geralmente, ocorrem tiroteios costumam ser “duplamente penalizados na questão de desenvolvimento de habilidades”, primeiro pelo ambiente pouco propício ao desenvolvimento social adequado e segundo pela exposição constante à violência ao longo de suas vidas de vulnerabilidade geralmente já não estão sujeitas à mesma qualidade ou quantidade de estímulos ao longo da vida.

Outro estudo recente, publicado no IPEA, aponta que há uma relação direta entre o aumento das taxas desemprego e de homicídio.

As oportunidades no mercado de trabalho, bem como a formação de capital humano (educação), afetam os custos implícitos de se dedicar às atividades ilegais. (...) Em última instância, estes resultados se somam às evidências de que condições de acesso ao emprego, sobretudo para o jovem, assim como políticas educacionais, importam e devem ser levadas em conta nos diagnósticos e ações para a prevenção à criminalidade. Em um país como o Brasil, em que 23% dos jovens entre 15 e 29 anos não estudam nem trabalham, a superação da desesperança e da inércia improdutiva, via comprometimento e políticas públicas ativas, é crucial não apenas para reverter as mortes físicas, mas também as mortes simbólicas de nossa juventude. (CERQUEIRA; MOURA, 2019, p.2)

## 4.2 A estrutura social excludente

Por exclusão social, compreende-se uma dinâmica precarizante e frágil da vida (familiar, laboral e política). Trata-se de um processo histórico de relações assimétricas entre indivíduos e grupos sociais. No Brasil, essas relações existem desde a colonização portuguesa e estende-se à instável democracia de sua era republicana (LOMBARDI, 2010).

O abismo social brasileiro inicia-se no subjugar de índios, negros e no fazer-se curvar do meio ambiente a uma gana exploratória irrefreável que persiste há mais de cinco séculos. Curiosamente, o desenrolar da escravidão no Novo Mundo – enquanto apropriação da força de trabalho e da força psíquica de seres humanos – insere-se na mesma temporalidade em que ideias de igualdade e liberdade desenvolviam-se no Velho Mundo (NASCIMENTO, 2018).

A escravidão, segundo Mbembe (2016), é considerada um dos primeiros experimentos do exercício de controle político dos corpos (biopoder) a partir da perspectiva foucaultiana. Experimento que subdividiu a população pelo viés biológico - racismo - e culminou em um intrincado processo de perdas (da terra, do corpo e do status político). Justamente nesta cisão dos indivíduos, o Estado se insere e atua como instância de morte, pois define quem é socialmente válido.

A urbanização no país organizou-se a partir das perspectivas econômicas e não às necessidades sociais. A falta de moradia com saneamento adequado, eletrificação, subempregos, serviços de saúde e educação deficitários em áreas periféricas relegadas aos estratos sociais mais baixos são consequências desta urbanização e organização social excludentes (LOMBARDI, 2010).

Mas a "nova" democracia, em construção desde 1985, assentou-se sobre um solo autoritário que consegue retardar e mesmo impedir as reformas necessárias para conformar um regime político e social essencialmente diferente do padrão estabelecido pelo autoritarismo militar. Uma situação até hoje não enfrentada pelos governos democráticos pós-85 é a de apartheid social estabelecida no país.

(...) consequências de opções políticas que promoveram o surgimento, manutenção e crescimento cotidiano de uma imensa parcela da população brasileira vivendo em condições de miséria.  
(SCOREL, 1993, p. 45).

A exclusão invisibiliza o outro, pois impossibilita que ele exerça plenamente sua condição humana. São camadas sociais imersas na cegueira social involuntária ligada à pobreza, miséria e violência. Nessa roda da infortuna vida, a síndrome de exclusão social,

descrito por Lombardi (2016), atua pela materialização da cultura da indiferença que produz determinantes sociais excludentes e carenciais ao longo da vida do indivíduo e se perpetua como um fenômeno intergeracional.

No Brasil contemporâneo, há um “processo com regras democráticas [que] convive com um conteúdo substantivo totalitário, o extermínio de parcelas da população” (ESCOREL, 1993; LOMBARDI, 2010). A existência social é subjugada ao poder da morte ou da Necropolítica. Remodelaram-se as funções coloniais, esse espaço em que “a soberania consiste fundamentalmente no exercício de um poder à margem da lei (*ab legibus solutus*) e no qual tipicamente a ‘paz’ assume a face de uma ‘guerra sem fim’.” (MBEMBE, 2016, p. 132).

As senzalas persistem sob diversas nomenclaturas - subúrbios, favelas, reassentamentos, campos de refugiados. O permanente Estado de sítio cristaliza uma guerra institucional que delega a captura dos fugitivos às atuais milícias (MBEMBE, 2016, NASCIMENTO, 2018).

#### 4.3 Reatando a linha de fronteira

A resposta a ser dada a essa estrutura excludente - compreendendo que exclusão e inclusão configuram um binômio, e, portanto, não estão dissociados - perpassa pela articulação intersetorial da sociedade. Tal intento demanda a sensibilização e o maior engajamento dos atores sociais (LOMBARDI, 2010).

Este envolvimento torna-se desafiador quando o saber e o acesso a todos os lugares são deslocados virtualmente, o que elimina impasses geográficos, mas tende a aprofundar e/ou superficializar o contato com o Outro. Há a necessidade, ressalta Pinheiro (2014), de emprestar a nossa subjetividade ao outro para não entrar na barbárie que é inerente a vigência de uma Necropolítica.

Dentre os caminhos favoráveis a construção da sociedade inclusiva, aponta-se a Academia como instrumento e compromisso social e a efetivação do ideal de fraternidade mediante o Constitucionalismo Fraternal.

A Universidade deve fomentar possibilidades de transformação da realidade social enquanto espaço plural e profícuo para o encontro com os Outros.

Esses conceitos essenciais devem ser introduzidos precocemente pela Universidade durante a formação profissional a partir das atividades de ensino, pesquisa e extensão, sendo que esta última, representando uma atividade carregada de significados, traduz o momento em que a Universidade se encontra com a comunidade. E a comunidade é a razão e a patrocinadora da existência da universidade, devendo ser, portanto, protagonista nesse processo. O pagamento da nossa dívida social é uma prioridade urgente. (LOMBARDI et al, 2016, p.51).

A Academia deve ter “na sociedade seu princípio de ação e de regulação” e diverge, portanto, de noção de organização social, na qual deve ser incluída no setor de serviços não exclusivos do Estado. O cerne do ensino superior é a ação social ligada estritamente à democracia (e a noção de lutas sociais), um direito social conquistado e compartilhado com a Cultura e a Saúde, por exemplo. Assim, propostas que pretendem aumentar a autonomia financeira destas instituições tangenciam o papel da Universidade de se debruçar - em sua tríade de ensino-pesquisa-extensão - sobre “ação civilizatória contra a barbárie social e política”. Não há futuro, na submissão mercadológica do saber e na lógica de serviços terceirizados pelo Estado (CHAUÍ, 1999).

A atitude de enfrentamento à exclusão social também perpassa pela efetivação do conceito de fraternidade oriundo da Revolução Francesa e de sua aplicação na legislação brasileira a partir do conceito de Constitucionalismo fraterno. Dada à persistência dos vieses colonialistas na sociedade excludente brasileira, observa-se a constitucionalização tardia no país, isto é, um movimento político que regula o poder estatal através de uma Constituição.

As dimensões dos direitos, segundo teóricos constitucionalistas podem ser dividida em três dimensões básicas: a primeira dimensão refere-se aos direitos civis e políticos de liberdade que surgem paralelamente ao Estado liberal ou mínimo, de teor mais individualista (MACHADO, 2014).

A segunda dimensão perpassa pelo Estado social (pós 2ª Guerra Mundial) que amplia os direitos à igualdade e se propõe de forma coletivista a assegurar direitos sociais como educação e saúde. Já a terceira dimensão abarca os direitos transindividuais ou direitos de fraternidade. Segundo Machado (2014), há a necessidade de assegurar – constitucionalmente - não só liberdade e direitos sociais, mas também os direitos à paz, ao meio ambiente e à autodeterminação dos povos.

Com o compromisso preambular, todos do Brasil – numa perspectiva particularmente, jurídica, Estado, governo, povo e segmentos organizados da sociedade civil, passam a ser, individual e conjuntamente, responsáveis não somente pela construção de uma sociedade voltada à formação de nacionais ou, mesmo, cidadãos, mas uma sociedade de irmãos (MACHADO, 2014, p. 136).

A estrutura escravista do país não favoreceu a noção de pertencimento aos grupos resultantes do “abolicionismo”, tampouco a construção republicana propiciou a formação de uma cultura democrática. Dessa forma, observa-se a inexistência de uma transição gradual entre as dimensões dos direitos. Coexistem os perfis dimensionais descritos sem uma efetividade real, ou seja, a liberdade, direitos à saúde ainda são direitos a conquistar. Os estudos apontam que o direito fraterno torna-se uma instância que converge e agrega os direitos prévios como um mecanismo aos Estados de Constitucionalização tardia.

Este novo cenário tem engendrado ‘formas de democracia de baixa intensidade’, que tem implicado no não reconhecimento das diferenças, reintrodução do clientelismo, manipulação das instituições participativas, entre outros. O que vem ao encontro do quanto exposto sobre o papel da democracia na caracterização do Constitucionalismo tardio. (MELO, 2017, p. 37).

Destarte - para enfrentar a desumanização, o Estado de sítio e as formas de Necropolítica vigentes - é salutar o reconhecimento do “outro-eu”. Compreende-se que a responsabilidade em concretizar os direitos do outro (incluindo aqui a proteção a grupos socialmente vulneráveis) é um dever jurídico dos cidadãos, característica do Constitucionalismo fraterno.

## 6 CONCLUSÃO

Refletir sobre expressões culturais, através da análise de associações de conteúdo, possibilita destacar similaridades de condições sociais excludentes em contextos distintos. A aproximação destes contextos - seja entre uma prosa jornalística e versos musicados ou entre o discurso da Academia e da comunidade - traz consigo o alargamento do capital cultural. Estas são as linhas de fronteira a serem rompidas, as de símbolos a princípio distantes que se conjugam em ação fraterna do viver social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. **O Brasil ocupa a 9º posição de país mais desigual do mundo**. Observatório 3º Setor. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/o-brasil-ocupa-a-9-posicao-de-pais-mais-desigual-do-mundo/>. Acesso em: 26 out. 2019.



BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2008.

CERQUEIRA, D; MOURA, R. **Oportunidades laborais, educacionais e homicídios no Brasil**. Brasília. Disponível em:  
[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2514\\_sumex.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2514_sumex.pdf). Acesso em: 26 out. 2019.

COLIMA, L.; CABEZAS, D. **Análise do rap social como discurso político de resistência**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 12, n., pp. 24-44, 2017. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n2/2176-4573-bak-12-02-0024.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.

CLÜVER, C. **Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos**. Literatura e sociedade: Revista de teoria literária e literatura comparada. São Paulo, v. 2, n. 2, pp. 37-55. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/13267>. Acesso em: 24 maio 2019.

Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Criolo**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa429387/kleber-cavalcante-gomes>>. Acesso em: 19 de Mai. 2019. Verbete da Enciclopédia.

SCOREL, S. **Exclusão social fenômeno totalitário na democracia brasileira**. Saúde soc., São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 41-57, 1993. Disponível em:  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12901993000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901993000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 out. 2019.

ESSENCIO, S. V. **Resenha de ORWELL, George. Como morrem os pobres e outros ensaios. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.**; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 1., n. 2., Dez. 2012, p. 413-422.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Diretoria de análise de Políticas Públicas. **Educação em alvo: os efeitos da violência armada nas salas de aula**. Disponível em:  
<http://dapp.fgv.br/educacao-em-alvo-os-efeitos-da-violencia-armada-nas-salas-de-aula/>. Acesso em: 16 out. 2019.

GUERRA, P. **Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática**. Revista Angolana de Sociologia [Online], 2012. Disponível em:  
<http://journals.openedition.org/ras/257>. Acesso em: 17 out. 2019.

IPEA. FBSP. **Atlas da violência 2018 – Políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:  
[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180614\\_atlas\\_2018\\_retratos\\_dos\\_municipios.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180614_atlas_2018_retratos_dos_municipios.pdf). Acesso em: 18 out. 2019.

KOBS, V. D. **Interseções da literatura**. Scripta Alumni - Uniandrade, n. 15, 2016. INSS: 1984-6614. Disponível em:  
<https://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/article/view/359/210>. Acesso em: 19 maio 2019

LOMBARDI, A. B. **A síndrome da exclusão social: As origens, os fatores de risco, os múltiplos sintomas biopsicosociais ao longo dos períodos do ciclo de vida e os fatores perpetuadores.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECJS-856HYS>. Acesso em: 18 out. 2019.

LOUREIRO, B. R. C. **Arte, cultura e política na história do rap nacional.** Revista do Instituto de Estudos brasileiros, n. 63, pp. 235-241, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0235.pdf>. Acesso em: 17 maio 2019.

\_\_\_\_\_. **Ativismo de rappers e o “progresso intelectual de massa”: uma leitura gramsciana do rap no Brasil.** Rev. HISTEDBR On-line, Campinas, v.17, n.2, pp.419-447, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8645849/16926>. Acesso em: 17 maio 2019.

MACHADO, C. A. A. **A garantia constitucional da fraternidade: constitucionalismo fraternal.** Tese (Doutorado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/6436>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MBEMBE, A. **Necropolítica.** Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ | n. 32 | dezembro 2016. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.files.wordpress.com/2018/03/necropolitic81tica-achille-m-ensaio.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

NASCIMENTO, M. B. União dos Coletivos Pan-Africanistas (org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição.** Coletânea. Editora Filhos da África, 2018.

NAVE, GANJAMAN, G. CRIOLO. **Boca de Lobo.** São Paulo: Oloko Records, 2018.  
ORWELL, G. **Como morrem os pobres e outros ensaios. Seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr.;** tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PERET, E.; NERY, C. **Renda do trabalho do 1% mais rico é 34 vezes maior que da metade mais pobre.** Agência IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25702-renda-do-trabalho-do-1-mais-rico-e-34-vezes-maior-que-da-metade-mais-pobre>. Acesso em: 17 out 2019.

PINHEIRO, T. **Narcisismo e depressão: “O olhar do outro define quem eu sou”.** Instituto CPFL. 2014. Disponível em: <https://www.institutocpfl.org.br/2014/05/27/narcisismo-e-depressao-com-teresa-pinheiro/>. Acesso em: 18 out. 2019.

RIBEIRO, A. C. S. **Literatura e política: a escrita jornalística de George Orwell.** InterSciencePlace, v. 11, n. 3, 2016. Disponível em: <http://revista.srvroot.com/isp/index.php/isp/article/view/552>. Acesso em: 22 maio de 2019.

ROCHA, R.L. **Vidas sob Ataque**. Revista Radis. FIOcruz. n. 204, 2019.

SANTOS, F. M.. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L.Análise de conteúdo. [São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.]** Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP, v.6, n. 1, pp.383-387, 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 22 mai. 19.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. PNUD. **Human Development Indices and Indicators**. New York, 2019. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/relatorios-de-desenvolvimento-humano/relatorio-do-desenvolvimento-humano-2018.html>. Acesso em: 19 out. 2019.